

América em cena: apontamentos sobre a dramaturgia latino-americana

Éder Rodrigues
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Departamento de Artes – Curso de Teatro
Professor Associado – Mestre pela UFMG

Uma reflexão sobre como a América Latina vem sendo encenada no teatro contemporâneo, a partir de procedimentos de escrita e do diálogo entre teorias e práticas que retomam a América como temário, escritura, pensamento e encenação. O estudo analisa o discurso latino-americano no teatro e suas peculiaridades culturais de produção e inscrição da América no âmbito dramático. A pesquisa tem como objeto de estudo o processo de escrita do texto *A pequenina América e sua avó Sifrada de escrípulos* encenada em Belo Horizonte (2010) pelo Grupo de Teatro Mayombe.

Palavras-chave: Dramaturgia; América Latina; Teatro.

A veiculação de uma práxis inserida nos embates que as evoluções técnicas e contextuais da engrenagem teatral requerem juntamente com uma investigação sobre como os espaços geográfico, histórico, afetivo, cultural e social da América Latina são construídos no âmbito da encenação tem sido uma preocupação recorrente de alguns grupos teatrais latino-americanos. Esta vertente dupla de pesquisa teatral otimiza o vasto campo de reflexões sobre a *latinidade* como temário e amplia a diversidade que o tema articula, sublinhando-o como eixo formulador dos processos dramáticos, estéticos e de teatralização.

No teatro contemporâneo incorpora-se ao trabalho de composição artística, proposições que repensam as estruturas da obra, ampliando diálogos provenientes do espaço, do tempo e das especificidades de onde se fala. O texto dramático, em foco, passa por modificações que reconstróem a maneira processual de construí-lo, assim como integra estudos acerca dos papéis que assume e das articulações teóricas que o contextualiza.

A problemática envolvendo novos conceituais para os parâmetros que articulam a dramaturgia na esfera teatral encontra atualmente aberturas de fomento às questões relativas ao texto e a cena. O pensamento sobre os caminhos sinalizadores de uma possível dramaturgia latino-americana encontra junto ao discurso contemporâneo um terreno que dinamiza e privilegia a multiplicidade das formas e dos processos de escritura como um dos potenciais que denotam à dramaturgia atual, o caráter móvel que a corporifica.

Os processos dramáticos atuais investigam formatos mais coniventes com uma estrutura corpórea e viva da escrita. O fato é que as fronteiras críticas foram perdendo suas linhas categóricas de classificação e, na contemporaneidade, o texto

dramático re-constrói o *dramático* a partir de outros critérios, resignificando-o¹ ou subvertendo² seus paradigmas ao transgredir os parâmetros secularmente cristalizados. Nesta perspectiva o *Grupo de Teatro Mayombe*³ iniciou em 2008 um processo de montagem objetivando desenvolver uma estrutura textual que se alimentasse de forma dinâmica e contemporânea dos discursos que o grupo propunha ao mesmo tempo em que levasse a América Latina ao patamar central da encenação. Em linhas gerais o trabalho direcionou-se à concretização de um espetáculo que referencia a latinidade em contínuo fluxo de movimento, sublinhando as pluralidades de expressão, pesquisa estética e inquietações.

Ao eleger a América Latina como tema central da montagem, o grupo explorou na diversidade cultural que converge à latinidade, uma forma teatral não só de caracterizá-la, mas de contribuir expressivamente através de uma pesquisa estética capaz de apurar novos caminhos. Dessa forma o *Mayombe* enraizou o núcleo de suas percepções: a instância do homem explorado pelo próprio homem e suas ressonâncias **no** (e a partir **do**) nosso local de enunciação.

*A Pequenininha América e sua avó Sifrada de escrúpulos*⁴ foi livremente inspirada no conto *A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada* de Gabriel Garcia Marques. As estruturas de poder e submissão que estruturam o texto em prosa do autor colombiano foram os argumentos utilizados pelo Grupo Mayombe como pretexto dramaturgico da montagem, direcionando a partir dele, caminhos próprios para a pesquisa cênica. A semelhança que os títulos estreitam e o conflito básico entre uma figura opressora diante de sua posse endividada, indicam o ponto de intercessão onde as duas obras se encontram e se distinguem. Pesquisando a América como um espaço de convergência entre desigualdades e diferenças, segregações e mistura, colonizados e colonizadores, memória e discurso, o grupo ampliou textualmente as relações que o poder ostenta e arquitetou uma estrada ininterrupta onde uma dívida aumenta a cada passo distanciado entre o credor performaticamente visível e a devedora, ironicamente personificada na figura da *Pequeninha América*. A personificação de estruturas

¹ Referência aos Estudos da Performance aplicados às outras artes como o teatro, a literatura, as artes plásticas, dentre outras.

² Referência à teoria conceitual do Teatro Pós-Dramático formulada pelo alemão Hans-Thies Lehmann.

³ O Grupo de Teatro Mayombe surgiu em 1995 dentro do universo artístico-acadêmico da Universidade Federal de Minas Gerais. Com 15 anos de atuação e dirigido por Sara Rojo, o grupo dedica-se a uma pesquisa teatral que evolui tanto estudos teóricos quanto a práxis. Sua trajetória está intimamente ligada a uma pesquisa estética envolvendo a memória, a corporeidade e a América Latina, com objetivos concretos de fazer do teatro um ponto de encontro inter-cultural. No final de 2008 o Grupo iniciou o processo de montagem do espetáculo *A Pequenininha América e sua avó Sifrada de escrúpulos*, peça que, dentro do repertório do grupo, significou seu trabalho mais autoral.

⁴ *A pequenininha América e sua avó Sifrada de escrúpulos* estreou em 21 maio de 2010 na sede do Grupo de Teatro Invertido em Belo Horizonte/MG. O painel vasto tanto em seu temário como nas formas de expressá-lo compõe a visão multifacetada do grupo diante de questões pertinentes à América como espaço, imaginário e memória. O espetáculo foi dirigido por Sara Rojo e o texto dramaturgico foi escrito por Éder Rodrigues, Marina Viana e Marcos Coleta (todos integrantes do coletivo).

pertencentes a uma esfera social, geográfica e cultural foi um procedimento básico de fluidez dramatúrgica.

África era una mujer enorme, de senos enormes, de una fuerza incalculable. Un cuerpo grande como el de un adolescente que, en el transcurso de la pubertad, va perdiendo la noción y la proporción de su cuerpo en el espacio. Tímida, definitivamente no sabía la presencia corpulenta que ejercía. Recibió América en sus brazos porque tenía que hacerlo. No sabía nada: ¿de dónde vino? ¿Adónde iba? ¿De las naves errantes quién sabe el rumbo? si es tan grande el espacio... En este Sahara los corceles el polvo levantan, galopan, vuelan, pero no dejan huella. África, teniéndola en sus brazos, la besó en la boca y le dijo: duerme que la noche es negra. Es todo lo que sé. Y las dos durmieron, durante años.⁵

Este recurso denota à *América* toda a carga metafórica, memorial e performática que a denominação evoca e transita. Humanizar um referencial coletivo na figura da Pequena América também causa efeitos que descartam de antemão qualquer interpretação superficial da obra como simplesmente política ou meramente panfletária. A condução do enredo apresenta a figura pequenina de uma América que mesmo antes do seu re-nascimento teatral já se encontra endividada pela figura também metafórica da avó, manipuladora dos escrúpulos que detém as escrituras que, reais ou forjadas, submetem a outra ao seu caminho de cifras, contextualizando lógicas implantadas e sistemas.

A Pequena América – margem de excluídos, mártires e resistentes – funciona como metáfora situacional do continente coagido e esta rede signica de semelhanças não é evitada. O texto parte da referência metafórica, mas alternadamente subverte ou sublinha este mecanismo. Por vezes a protagonista interrompe a trajetória do espetáculo e alça monólogos construídos somente com indagações que transitam do *eu* mais subjetivo às inquietações históricas. Estes fragmentos funcionam como intervenções que intercalam as andanças da pequenina ao que é histórico, individual, traumas, tratados e omissões. O caráter interrogativo da peça abre-se às feridas do passado, relembra o corpo colonizado e questiona veículos e máquinas alienadoras de dívidas flutuantes que invisibilizam a re-constituição de um espaço livre de dominações.

Num primeiro momento, o conflito básico do espetáculo sugere caminhos reconhecíveis de evolução e desfechos, traços que se desfazem logo a seguir. Para saldar sua suposta dívida, América percorre espaços que remontam a todo tipo de construção cênica, edificado junto aos mecanismos que a oprimem e que nos remetem

⁵ Prólogo do texto dramático *A Pequena América e sua avó Sifrada de escrúpulos*.

às dívidas que cotidianamente somos afrontados: as dívidas da fé, do corpo, da morte, os dividendos afetivos, os saldos e valores históricos, as faturas existenciais de toda ordem, dentre outras que formulam uma travessia de quitação, débitos e penhores, muitas vezes pagos pela América com o corpo, a crença ou a utopia reconstituída a partir dela.

O caminho percorrido por América provoca imersões na história do corpo e suas dimensões sociais, políticas e culturais, ampliando conceitos e embates quanto às questões da latinidade e dos fragmentos identitários que se juntam num corpo remoído, violentado, comercializado e oprimido.



Foto 1: Espetáculo do Grupo Mayombe⁶

A mistura de formatos que pluraliza o texto explora o corpus histórico⁷ em travessia, intermediado por uma América que constantemente brinca com sua própria sombra. Se o princípio do espetáculo ovaciona um aspecto narrativo mantendo a evolução de personagens mais ou menos fixas, logo esta impressão é esfacelada, quebrando qualquer indício meramente evolutivo de construção linear ou dramática. O texto agrega às cenas, intervenções, partes inteiras encenadas no formato de monólogo interrogativo, além de forte apelo intertextual como forma de sublinhar, dialogar ou contradizer discursos da história tida como oficial. A cena se pauta pela mesclagem, a

⁶ A atriz Marina Artuzzi, protagonista da peça. *Créditos: Tomáz Artuzzi.*

⁷ Citação referente aos estudos de Nelly Richard que abrangem o *corpus histórico* como veículo simbólico e intermediado por conceitos e amplitudes. "O corpo, fisicamente castigado pela violência, converte-se em outro suporte privilegiado de intervenção artística. Como fronteira entre o público e o privado (o histórico e o biográfico, a razão social e as pulsões subjetivas, o corpo define um limite estratégico que o autoritarismo procurou transpassar, com o objetivo de levar o medo e a censura, às dimensões mais recônditas do cotidiano. O corpo, como região sacrificial de ritualização da dor que funde a ferida do "eu" na cicatriz redentora do "nós" ou como dispositivo de transgressão social e sexual através das paródias de identidade que burlam a fixidez do gênero, permite que uma gestualidade não codificada pelo discurso social faça aflorar certos extratos de significação reprimida que acendem assim a uma superfície de leitura carnal ressomatizadora da linguagem." RICHARD, 2002:16

mistura do que textualmente se enraíza ficcional e depoimentos, alternância de tonalidades poéticas e cortes bruscos para incursões performáticas.

O mosaico de formatos que circundam a travessia de América é reforçado a partir da subjetividade empregada nas cenas, da costura dramática e dos recursos performáticos de subverter a linhagem dramática. A montagem se direciona empregando inscrições realistas, performáticas e cenas contextualizadas na fluidez memorialística da encenação. As muitas maneiras de compor são baralhadas com cenas inteiramente imagéticas, datas sonoras que recobram lacunas históricas, minutos de silêncio de quando América se cala e em projeções são denunciadas as atrocidades dos períodos ditatoriais. Conforme o próprio texto ritualiza, expressa-se a diversidade numa feijoada de ingredientes restantes, preparados, improvisados, temperados e incrementados como partes de um território que enraíza tudo aquilo que mistura, refinando o sabor a partir da miscelânea dos preparos.

O diálogo não está entre os personagens nem entre a voz que cobra e o corpo que paga. O dialógico da montagem acontece entre o que se fala e o discurso esperado como resposta, conformidade ou contraste. Dividido em encruzilhadas, o texto arquiteta o encontro do diverso num espaço confluyente de saberes, discursos, cultura, crença, traumas e carnavalização. A dimensão do continente e a amplitude do temário levaram o grupo a uma síntese poética e performática do percurso dramático que circunscreve a Pequena América num formato híbrido de composição. Apontamentos que o Mayombe escreve teatralmente como edificação de um teatro que entende o viés político de forma abrangente, desde a instância mais subjetiva até os traços presenciais que continentalizam povos. Uma pesquisa em textualizar imagens, tonalidades, povos e terra, na voz múltipla de uma América que à luz do século XXI se lança ao mar dos próprios passos.

Bibliografia

CARREIRA, André e outros (Orgs.) *Mediações performáticas latino-americanas*. Belo Horizonte: FALE, 2003.

COLETA, Marcos; RODRIGUES, Éder; VIANA, Marina. *A Pequena América e sua avó \$ifrada de escrúpulos*. Belo Horizonte, 2010. (Não publicado)

LEHAMANN, Hans-Thies. *O teatro pós-dramático*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

VERSÉNYI, Adam. *El teatro en América Latina*. New York: Cambridge University Press, 1996.